

# XI CODS

COLÓQUIO DE ORGANIZAÇÕES,  
DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

BELÉM-PA, 10 E 11 DE NOVEMBRO

## EDIFÍCIOS MODERNISTAS DAS DÉCADAS DE 50 E 60 EM BELÉM. AUTORIA

**Ana Júlia Lisbôa Dahás Jorge**

E-mail: anadahas@hotmail.com

Instituição de filiação: Universidade da Amazônia - Unama

**Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes**

E-mail: marcianunes2011@gmail.com

Instituição de filiação: Universidade da Amazônia - Unama

### RESUMO

O presente trabalho analisou os edifícios modernos das décadas de 50 e 60, na cidade de Belém do Pará, como elementos de estudo para a pesquisa acerca da nova forma de morar por meio de edificações multifamiliares. Com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre os edifícios na segunda metade do século XX, objetivou-se analisar suas estruturas, composições, circulações, materiais e tipologias, bem como reproduzir fielmente as plantas desses edifícios. A perspectiva teórico-metodológica deste trabalho foi de cunho bibliográfico e documental dos edifícios em estudo. Do ponto de vista projetivo arquitetônico, a concepção das plantas seguiu o método de pesquisa do levantamento, redesenho e fontes secundárias documentais, enfatizando o estudo de caso acerca dos edifícios Importadora e Palácio do Rádio.

**Palavras-chave:** Modernismo, Importadora, Palácio do Rádio.

**Eixo Temático:** Jovens Pesquisadores

## 1. INTRODUÇÃO

Ao final do primeiro ciclo da borracha, Belém se apresentava como uma das mais modernas capitais do país, possuindo tudo o que uma boa economia podia oferecer a uma cidade. Entretanto, sua prosperidade foi estagnada após a queda do intendente Antônio Lemos, e a cidade se viu num cenário de declínio e deterioração. (CHAVES, 2008)

Foi só em 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas na presidência, e Magalhães Barata como governador do estado, que Belém viu a possibilidade de reascender economicamente e voltar a viver os bons momentos decorrente do período da borracha. Desse modo, instaurou-se o Novo Regime, buscando trazer a modernidade apresentada no restante do país para a capital paraense. Mesmo enfrentando um orçamento reduzido, as primeiras medidas do novo prefeito, escolhido por Magalhães Barata, padre Leandro Pinheiro, foram o alargamento de ruas e a reestruturação de bairros. E assim, lentamente Belém se encaixava nos novos padrões modernos. (CHAVES, 2013)

Devido difícil momento econômico na qual a cidade se encontrava, os avanços esperados não chegaram de forma breve. Foi só por volta da segunda metade do século XX que a cidade voltou a se reerguer financeiramente e pode, de fato, se adequar ao restante do país em quesito de modernidade, com a construção dos tão almejados arranha-céus. O local escolhido para se tornar o novo centro de comércio e foco de modernidade na cidade foi a avenida 15 de Agosto, hoje, avenida Presidente Vargas, em homenagem ao presidente que foi fundamental para que esses avanços acontecessem. (CHAVES, 2013)

A verticalização trouxe a elite paraense uma nova forma de morar. Próximo ao comércio, todos queriam ter o deslumbre de morar em um apartamento, na avenida mais charmosa da cidade, o que resultou na criação de diversos edifícios residenciais na avenida, como é o caso dos edifícios pesquisados nesse relatório: edifício Importadora (1954) e edifício Palácio do Rádio (1956).

Aprofundando o estudo na arquitetura moderna e compreendendo o processo da formação e desenvolvimento da nova arquitetura, os edifícios multifamiliares das décadas de 50 e 60 do século XX, foram projetados em sua grande maioria, por engenheiros, onde apresentavam novas técnicas construtivas, diferentes arranjos dos espaços internos, novos materiais e uma nova forma de morar onde as

“antigas” residências, passaram a sobrepor-se com novo gabarito de alturas (NUNES, 2019).

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar a nova forma de morar dos edifícios modernos do século XX, nas décadas de 50 e 60, projetados e construídos por engenheiros. Os edifícios a serem pesquisados serão o Ed. Importadora e Ed. Palácio do Rádio.

### **1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Avaliar, de forma integrada, a fachada, a organização espacial dos espaços domésticos, seus equipamentos e materiais, as práticas cotidianas dessa nova elite modernista, nos edifícios propostos.
- Investigar e identificar as estruturas dos programas distributivos, tipologias, morfologia, composições, circulações horizontais e verticais e histórico da edificação.
- Analisar suas estruturas, composições, circulações, materiais e tipologias, bem como reproduzir fielmente as plantas de tais edifícios.
- Executar as plantas dos edifícios em programas de desenho digital, como Autocad, afim de reproduzi-las de modo que cheguem o mais próximo de suas plantas originais.
- Pesquisar sobre a historiografia das construções modernas em artigos, periódicos e dissertações a respeito dos edifícios.

## **2 METODOLOGIA DE PESQUISA**

A perspectiva teórico-metodológica deste trabalho foi de cunho bibliográfico e documental dos edifícios em estudo. Do ponto de vista projetivo arquitetônico, a concepção das plantas seguiu o método de pesquisa do levantamento, redesenho e fontes secundárias documentais.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de consultas em artigos científicos e pesquisas online sobre os períodos do modernismo e do moderno em Belém sobre os edifícios trabalhados. Além da pesquisa de artigos, utilizou-se a pesquisa documental por meio de pesquisas em periódicos de antigos jornais da época, disponíveis no CENTUR – Fundação Cultural do Estado do Pará, referentes a inauguração dos dois edifícios, e o impacto causado na cidade e por meio de fotografias da época e atuais.

A pesquisa de campo foi efetuada a partir de visitas e dos levantamentos dos espaços dos edifícios, fazendo medição dos apartamentos, das lojas, e das fachadas.

### 3 RESULTADO DE DISCUSSÃO: ENTRE O MODERNISMO E O MODERNO EM BELÉM:

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por um momento de muita riqueza na cidade de Belém. Instaurou-se na cidade o que seria o primeiro período da borracha, que causou uma grande movimentação na economia local e favoreceu o desenvolvimento da capital, que passou a possuir o que havia de mais moderno na época, como bondes elétricos, palacetes e edifícios magníficos. Esse próspero momento durou de 1879 a 1912, quando houve a queda do intendente Antônio Lemos em 1911 e o fim do primeiro ciclo.

Segundo Chaves (2013), o fim do primeiro período da borracha se manifestou através da recorrente deterioração da qualidade de serviço e a diminuição de intervenção nas estruturas urbanas, apresentando uma estagnação no desenvolvimento arquitetônico local. Com a ascensão de Getúlio Vargas, em 1930, na presidência do país e Magalhães Barata como governador do Estado, Belém se viu entusiasmada com as novas propostas de modernização, acreditando na possibilidade de reviver os bons momentos vividos na época da Belle Époque, reacendendo sua imagem de cidade prospera e exemplo, enquanto no momento se via desestabilizada economicamente e administrativamente. (CHAVES, 2008).

O novo regime buscava readequar a cidade aos novos modelos modernos que estavam sendo implementados no restante do país, sendo assim, uma das primeiras decisões do Governador Magalhães Barata foi nomear o padre Leandro Pinheiro como prefeito, visto que este buscou ajuda financeira da igreja, enquanto a população se conteve ao ajudar no momento de crise. Desse modo, com o baixo orçamento enfrentado pela cidade no momento, o novo prefeito começou a fazer as primeiras alterações urbanas cabíveis, como a remodelação de bairros e o aumento da largura das ruas, apenas nas áreas centrais.

Um dos desejos dos novos governantes era a criação de um “Novo Centro” de desenvolvimento econômico, onde se concentrariam as áreas de comércio. Desse modo, o local escolhido foi no bairro da Campina, em torno da Avenida 15 de Agosto (atual av. Presidente Vargas), por sua localização estratégica próximo ao porto da cidade e por ser ponto de encontro entre as novas áreas comerciais e os crescentes bairros residenciais. Por esta razão, a avenida se tornou o ponto mais atraente da cidade, onde se instaurou lojas, escritórios, hotéis e virou referência

para todos que ansiavam abrir seu negócio. Um fato interessante é que, durante a administração de Lemos, a avenida 15 de Agosto é descrita por Penteadó (1966) como “uma vila de casas deterioradas e tortuosas, visto que estava proibido efetuar qualquer reforma ou construção de edifício porque estava reservada para a construção da maior avenida da cidade” (CHAVES, 2008).

Entretanto, a economia da cidade permaneceu abalada. O alto desemprego fez com que parte da população migrasse para outros estados em busca de oportunidades, a administração municipal não conseguia conter as falhas na infraestrutura, como carência de energia e água, e a atividade econômica era baixa. Só foi em 1960 que a economia voltou a se reerguer e Belém passou a se adequar ao modelo industrial e moderno presente no restante do país. Na época, o país almejava pelo o que havia de mais moderno na área de construção: os arranha-céus. A verticalização era o símbolo mais marcante da nova modernidade, fazendo referência direta aos grandes prédios existentes nos Estados Unidos, como em Chicago e Nova York, representando nobreza, luxo e qualidade de vida.

No cerne desta questão, fica clara a ânsia quase desesperada de verticalizar a cidade mesmo que em apenas uma avenida, onde além dos arranha-céus destacavam-se dois grandes cinemas, os melhores hotéis da cidade, cafés, teatros, órgãos públicos e coroada pela praça da República. Este conjunto criava na área um microrganismo de vida moderna uma possibilidade do que deveria ser toda a cidade. Nesta paisagem, relacionavam-se elementos de várias temporalidades, em especial os remanescentes do início do século, cujo requinte de trinta anos antes já não respondiam isoladamente às expectativas de parte da população da cidade (CHAVES, 2011, p.102).

O processo de verticalização de Belém durou décadas, enquanto a cidade passava pela crise financeira. Os primeiros edifícios verticais surgiram ainda na década de 30 e possuíam em torno de 4 pavimentos, sendo eles principalmente prédios de serviço, como a agência de correios e hotéis. Porém, durante a década de 40, já começaram a surgir os primeiros projetos de grandes edificações para a Avenida 15 de Agosto, além de começarem a regularizar por lei o crescimento vertical da cidade. Segundo Chaves (2008), o principal incentivo à verticalização da região se deu com a criação, em 1956, da Lei nº 3450, que determina que todos os edifícios construídos na Avenida 15 de Agosto deveriam possuir no mínimo 12 pavimentos, e os de suas proximidades, 10 pavimentos. A preocupação com a estética e o embelezamento da área era grande, de forma a ter sido criado um gabarito para a padronização dos edifícios da avenida e entorno.

Segundo Mello (2007), houveram três motivos principais para a Avenida 15 de Agosto virar o eixo da modernidade belenense. Primeiramente, o incentivo de Manoel Barata na área, seguido da já existente, e muito relevante, linha de bonde, e por fim, a topografia elevada da região, visto que parte da cidade possuía expansão prejudicada por conta do rio e igarapés. Se tornando a avenida mais importante da cidade e atrativa para a elite local, a, hoje chamada, Avenida Presidente Vargas virou palco de diversos arranha-céus residenciais, como o Edifício Piedade (1949), integrando a nova área de comércio com áreas de moradia, atraente por suas características modernas e exclusivas na cidade, até então. Desse modo, deu-se início à modernização de Belém, a qual foi uma das capitais mais desenvolvidas da época.

### 3.1 EDIFÍCIO IMPORTADORA:

Inaugurado no dia 12 de Janeiro de 1954, o edifício Importadora de Ferragens foi um marco na modernização da cidade de Belém, e um dos prédios que compôs o cenário urbano proposto na época, na então chamada, avenida 15 de Agosto, que buscava realçar a riqueza da cidade se adaptando ao modelo vertical que já estava entrando em vigor no restante do mundo.

Foi financiado pelo grupo Importadora de Ferragens S/A, sociedade anônima inaugurada em janeiro de 1931, o qual inaugurou sua sede na cidade no primeiro pavimento do edifício, tendo como presidente e vice-presidente, respectivamente, Antônio Alves Velho e Abílio Augusto Velho, além de outros cinco homens que compõem o corpo de diretores. Sua construção se deu pela Empresa de Construções Gerais S.A. e sua obra foi encarregada pelo engenheiro Laurindo Amorim.

**Figura 1-** Fotografia do Edifício Importadora em jornal da época.



Fonte: Jornal A Província do Pará, 1954, p.10.

Sua inauguração contou com a presença de figuras nacionais e internacionais. Reuniram-se as mais altas autoridades federais, estaduais e municipais, além da presença de embaixadores da Holanda, Canadá, Índia, Japão e Itália, conhecendo pela primeira vez a capital paraense. Além disso, o evento foi aberto ao público, o qual se maravilhou com a modernidade do edifício. Sua apresentação foi formalmente feita pelo então diretor do jornal Diário dos Associados, senador Assis Chateaubriand, e sua faixa simbólica cortada pelo representante do então presidente Getúlio Vargas, major Enio Garcez dos Reis. Além disso, a inauguração foi agraciada com a benção de figuras eclesíásticas, diversos discursos por parte dos associados, homenagens e um coquetel de celebração. (JORNAL A PROVINCIA DO PARÁ, 1954, p.10)

É considerado majestoso e imponente por ocupar uma área de 14.041,20 metros quadrados e avaliado em Cr\$30.000.000,00 (trinta milhões de cruzeiros), ocupando todo o quarteirão compreendido entre as ruas Santo Antônio e Vinte e Oito de Setembro. O jornal A Província do Pará publicou, em 12 de janeiro de 1954, na sua inauguração, alguns quantitativos referentes ao prédio, sendo assim, ele afirma que no edifício há 20 escritórios e 52 apartamentos, com 807 janelas e portas externas, e 608 internas. Em piso São Caetano e pastilhas, compreendem 3.440m<sup>2</sup>, e taco, 6.912m<sup>2</sup>:

“Em concreto armado, foram gastos 2.750 metros cúbicos; em reboco interno, 42.680 metros cúbicos; em reboco externo, 14.200 metros cúbicos. Gastaram-se em toda a construção 78.200 sacos de cimento; 15.800 metros cúbico de areia; 665 mil toneladas de ferro e 585 mil tijolos. Trabalharam na construção 197 operários, e só de mão de obra foram gastos Cr\$ 12.042.263,90.” (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1954, p.1 e 2)

Na realização dessa pesquisa, um dos desafios encontrados na realização do levantamento do edifício Importadora foi calcular sua inclinação no terreno, visto que a avenida principal é uma grande subida, apresentando uma diferença de 1,70 metros. Além disso, sua fachada apresenta diferentes larguras e alturas de vitrines, que se torna sutil, visto que todas possuem o mesmo padrão de vitral no topo; também apresenta diferentes tipos de revestimentos, como mármore e granito.

Figura 2- Fachada do Edifício Importadora.



Fonte: Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

Figura 3- Vistas lateral esquerda e direita, respectivamente.



Fonte: Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

Figura 4- Vitral do topo das vitrines.

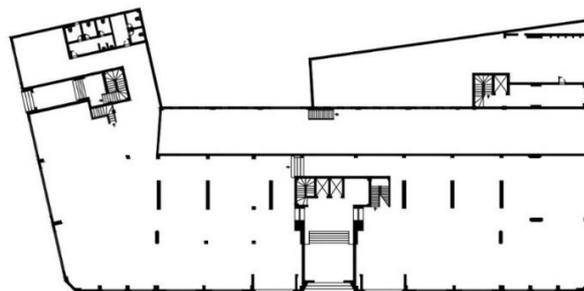


Fonte: Discente.

A entrada do edifício possui um portão de ferro com característica art decó, com altura de 3,50 metros e padrões geométricos, além de um pórtico em granito preto q contorna toda a entrada e o letreiro com o nome do edifício. Essa imponente entrada nos guia a portaria, quem também é revestida em mármore e possui pé direito alto. Os materiais revelam que o edifício era, de fato, algo muito luxuoso para a época.

O térreo possui dois espaços para grandes lojas, os quais, um dia, já sediaram a loja Importadora de Ferragens, dos donos do edifício; hoje em dia, tais espaços são alugados por grandes lojas de departamento, mantendo-se, ainda, algumas características da sua construção original, como os diferentes pisos de marmorite e as janelas. No primeiro pavimento do edifício encontrava-se o escritório da Importadora de Ferragens, que ocupava praticamente todo o andar. Devido à dificuldade de acesso ao local e a falta de informação, não se pode obter muito detalhes do interior do escritório e do andar em si, entretanto, identificou-se o uso de blocos de vidro nos fechamentos do hall, um desenho no chão feito de marmorite, além de intrigantes pilares em formatos diferenciados.

**Figura 5-** Planta Térreo do Edifício Importadora.



**Fonte:** Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

**Figura 6-** Piso em marmorite no interior da loja.



**Fonte:** Discente

**Figura 7-** Fechamento em vidro e porta ornamentada no 1o andar.



Fonte: Discente.

**Figura 8-** Piso em marmorite no hall do 1o andar



Fonte: Discente

Algo interessante foi observado durante o levantamento in loco do edifício na presença de pilares estruturais e vigas em um formato diferenciado. Esses pilares são conhecidos como pilar capitel ou mísula. Apresentam-se de forma que as vigas ficam apoiadas nos pilares em apoios diagonais. Foram encontrados registros de pilares com essa tipologia nos andares térreo, nas lojas e no 1º andar do edifício, mostrando que eles faziam parte da decisão estrutural e, até mesmo, estética para

o edifício como um todo. Segundo Kotchetkoff (2016), o formato desses pilares e vigas explica-se por aumentar a superfície de encontro entre ambos, desse modo, aumentando seu funcionamento estrutural.

**Figura 9-** Pilares no interior do escritório no primeiro andar.



Fonte: Discente

**Figura 10-** Pilar no interior das lojas.

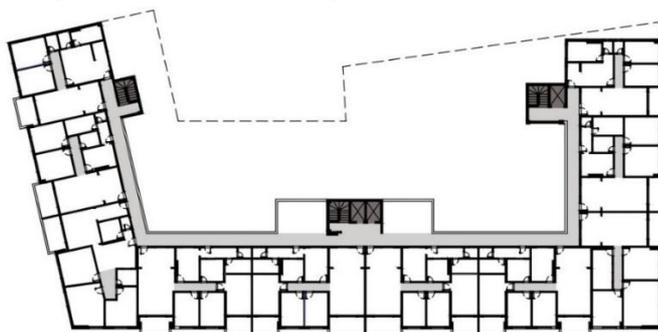


Fonte: Discente

A circulação vertical se dá por meio de 3 elevadores, posicionados dois ao centro do edifício e um na extremidade direita, e escadas, posicionadas no centro e em ambas extremidades. Ao subir para os andares de apartamentos, nos deparamos

com a presença de galerias, que são corredores que dão acesso às entradas dos apartamentos. O revestimento utilizado em toda a área da galeria foi o São Caetano vermelho, utilizado no chão e no parapeito, exceto pela entrada dos elevadores, que possui desenhos em marmorite no piso. Além disso, um item moderno presente no hall dos apartamentos é o sistema de escoamento de lixo, embutido nas paredes, que permitia com que os moradores não precisassem se deslocar para fazer o despejo adequado.

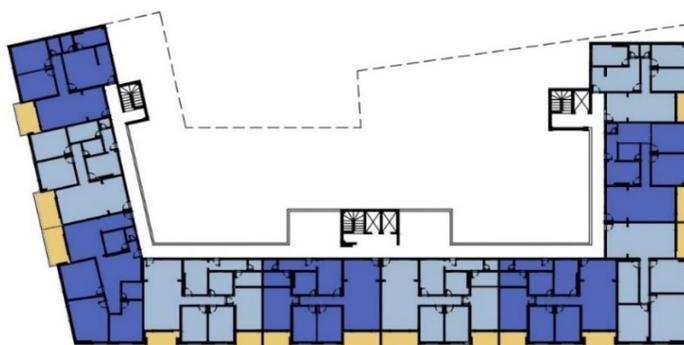
**Figura 11-** Planta de circulação do Edifício Importadora.



**Fonte:** Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

Com relação aos apartamentos, eram dispostos em 10 de apartamentos por andar de 2 e 3 quartos, totalizando 40 habitações no edifício. Adentrando nos apartamentos, seguindo suas características originais, nos deparamos com os vestíbulos, seguido de uma espaçosa sala e sacada. Nota-se que a cozinha foi transferida para próximo da sala e do vestíbulo, com abertura para a galeria, criando acessos de serviço e social distintos.

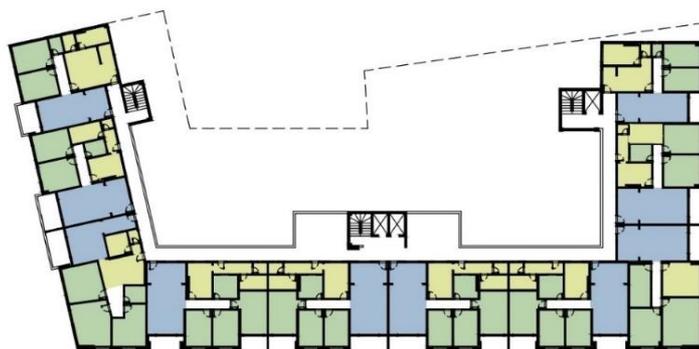
**Figura 12-** Planta de apartamentos do Edifício Importadora.



**Fonte:** Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

O restante dos espaços da planta dos apartamentos no quesito de distribuição de cômodos, nos revela que tal composição agradou os moradores da época. Ambas possuem no setor social uma grande sala conectada ao vestíbulo e à varanda, que tem ligação a um corredor de acesso ao setor de serviço – cozinha e área de serviço. O setor de serviço apresenta uma ampla cozinha, maior quando comparada a outros edifícios da época, conectada a uma área de serviço que possui quarto e banheiro para funcionários. Além disso, no edifício Importadora se faz importante ressaltar a linearidade presente no apartamento, visto que o corredor é estreito e comprido, assim como a área de serviço.

**Figura 13-** Planta de setorização do Edifício Importadora.



**Fonte:** Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

### 3.2 EDIFÍCIO PALACIO DO RÁDIO:

Compondo o cenário moderno da Avenida Presidente Vargas, sob direção da Rádio Clube do Pará, em 15 de dezembro de 1956 foi inaugurado o edifício Palácio do Rádio, com 13 pavimentos. Sua cerimônia de abertura contou com a presença de grandes autoridades federais, estaduais e municipais, e celebrou-se, especialmente, a entrega ao público do complexo Cine-Rádio-Palácio, que já se encontrava em adiantada construção, no anexo ao lado do edifício. (A VANGUARDA, 1956).

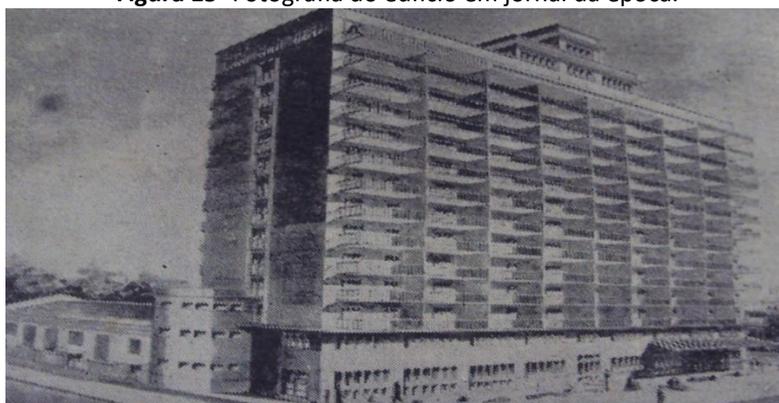
**Figura 14-** Maquete 3D da vista frontal do edifício Palácio do Rádio.



Fonte: M2N Arquitetura

Sob liderança do engenheiro Judah Levy, pela imobiliária Sul-Americana, este foi o maior edifício da Avenida e considerada uma das mais belas construções, segundo os veículos de informação da época. Sendo assim, o edifício era considerado um dos mais luxuosos da cidade, com a área externa de seu andar térreo revestida de mármore negro e linhas arquitetônicas soberbas, sendo assim, foi considerado a “jóia da modernidade”, pela sociedade da época.

**Figura 15-** Fotografia do edifício em jornal da época.



Fonte: A Província do Pará, 11 de outubro de 1956, p.5

Uma entrevista retirada do jornal Folha do Norte, datado no dia 15 de dezembro de 1956, revela a intenção do presidente da Rádio Clube do Pará, Edgar Proença, ao idealizar o edifício. Segundo o mesmo, o edifício não foi projetado com a intenção de obtenção de lucro para a Rádio Clube, e sim com o intuito de ter “instalações de amizade”, e que a gratidão por parte dos condôminos vale muito mais do que

qualquer lucro monetário. Além disso, ele também assume que não houveram problemas trabalhistas ao longo da execução do edifício, e que o edifício arrecadará em torno de dois milhões e meio de cruzeiros para a prefeitura, por meio de impostos e taxas a quais estão sujeitos os escritórios, apartamentos e lojas do edifício.

Na mesma entrevista ao jornal, o presidente também revela o motivo do Cine-Rádio-Teatro não ter sido inaugurado juntamente do edifício. Este motivo se deu por conta das obras ainda não concluídas do anexo, e o mesmo não considerou justo com os condôminos atrasar a inauguração de seus apartamentos, visto que tal obra só ficaria pronta, aproximadamente, no final do ano seguinte. Segundo as palavras do próprio Edgar Proença (1956) sobre o complexo, “[...] transferimos a nossa grande festa de inauguração para quando tivermos todo o plano concluído, fazendo, então, entrega à cidade do mais moderno e luxuoso cinema e auditório de rádio do norte do país, cuja construção está bastante adiantada”. (FOLHA DO NORTE, 1956)

Compreendido entre as ruas Ó de Almeida e Senador Manoel Barata, o edifício foi construído sob rígida fiscalização, seguindo normas de segurança e utilizando materiais de primeira qualidade, tudo isso descrito em um documento autenticado. Para sua construção foi necessário serviço de diversos ramos da construção, como marceneiro, serralheiro, marmoreiro, taqueiro e ladrilheiro, além de equipamento para incêndio e coleta de lixo.

Dentre as preocupações comuns, percebe-se a competição entre as edificações seja pelo gabarito mínimo, pelo desenho arquitetônico, pela qualidade dos materiais entre outros símbolos de modernidade que atraíssem investidores das classes médias e altas a adquirir os caros imóveis disponibilizados (CHAVES, 2011, p. 67).

O térreo do edifício é composto por 8 grandes lojas e a recepção, na qual, a entrada social é composta por um grande portão de ferro batido com fechamentos de vidro de 4mm, contornado por um imponente pórtico em granito preto. A entrada das lojas é feita pela parte externa do edifício, tanto pelas laterais quanto pela frente do edifício, e elas se comportam como grandes retângulos, sem a presença de pilares no seu interior, e com um banheiro ao fundo.

Figura 16- Planta baixa do pavimento térreo.



Fonte: Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

Figura 17- Maquete 3D do edifício em perspectiva.



Fonte: M2N Arquitetura

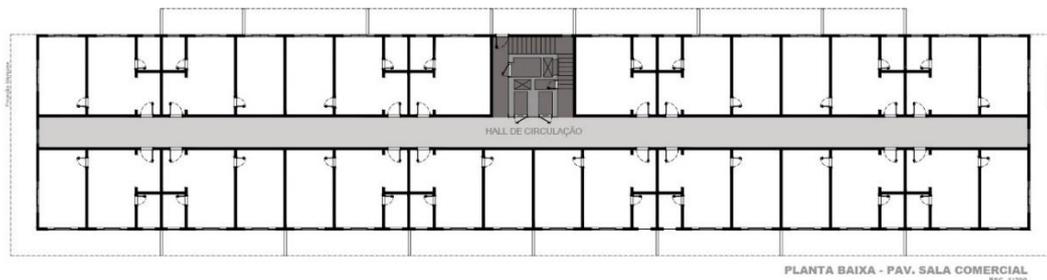
Adentrando no edifício, nota-se que a circulação vertical se dá por meio de três elevadores e uma escada, e a circulação horizontal interna, por meio de um grande corredor que divide os apartamentos para os dois lados. O primeiro andar do edifício é composto por 16 escritórios, de variados tamanhos. É possível observar na disposição dos cômodos a presença de banheiros e uma saleta na entrada, uma espécie de vestíbulo, similar aos vistos no edifício Importadora. Este andar fica abaixo da marquise do prédio, ou seja, ele, além do térreo, é o único andar que não possui varandas.

Figura 18- Planta baixa do 1º pavimento do edifício.



Fonte: Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

Figura 19- Planta de circulação do 1º pavimento do edifício.



Fonte: Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

Subindo para os andares de apartamentos, nota-se a presença de 12 apartamentos por andar, sendo estes 10 kitnets e 2 apartamentos maiores, todos com varanda, que é uma das características externas mais marcantes do edifício. Analisando a organização espacial dos dois apartamentos maiores, eles possuem vestíbulo, sala de visitas e sala de jantar. Seu interior possui um longo corredor, que permite acesso aos 3 quartos e um estreito banheiro social. Seu setor de serviço possui uma entrada privativa e é composto apenas por cozinha, copa e uma varanda. Analisando os kitnets, nota-se uma planta mais compacta, com ambientes bem delimitados e sem a presença de corredores ou vestíbulos. Os dois tipos de apartamentos presentes no edifício Palácio do Rádio apresentam programas de necessidades totalmente diferentes, facilmente notável, devido grande diferença entre suas plantas.

Figura 20- Planta baixa do pavimento tipo do edifício.



PLANTA BAIXA - PAVIMENTO TIPO - APT\*  
ESC. 1:200

Fonte: Levantamento e Redesenho Escritório M2N Arquitetura

Um diferencial do edifício eram seus modernos “incineradores de lixo”, que demonstra a preocupação dos seus engenheiros com o destino final que a grande quantidade de lixo teria, visto que, com grande frequência, o serviço de coleta e limpeza era suspenso.

Figura 21- Maquete 3D das sacadas dos apartamentos.



Fonte: M2N Arquitetura

Além disso, como já mencionado acima, o edifício contava com um anexo, o Cine Teatro Palácio, inaugurado 2 anos depois do edifício, considerado o cineteatro mais luxuoso da capital. Financiado pela Rádio Clube do Pará e por condôminos do edifício Palácio do Rádio, este possuía o slogan “O máximo em luxo e conforto”, visto que chegou inovando no mercado de cinemas de rua com suas 1.300 poltronas, central de ar condicionado, projetores modernos entre outros detalhes.

Décadas após sua inauguração, não suportou a crise dos cinemas de rua e fechou suas portas. (BELÉM ANTIGA, 2019)

Figura 22- Maquete 3D do cine teatro.



Fonte: M2N Arquitetura

Figura 23- Convite para a inauguração do Cine Teatro Palácio.



Fonte: Belém Antiga, 2019

## 5. CONCLUSÃO

O estudo acerca da modernização em Belém e os caminhos traçados até sua obtenção, nos confirma como a criação de um novo centro, este na avenida 15 de Agosto, foi de fundamental importância para a cidade se reerguer após a queda da borracha, e ser considerada uma das mais modernas da época. A criação dos edifícios nas décadas de 50 e 60 em Belém contribuiu com o status de cidade moderna almejado pela população paraense e seus investidores, contribuindo

significamente na forma de morar das pessoas, dando início a uma Belém extremamente verticalizada e moderna, até os dias de hoje.

Inicialmente, a nova forma de morar foi aceita com algumas dificuldades. No momento da construção dos edifícios aqui estudados, era de comum consenso que a população almejava a experiência de morar em um arranha-céu. Percebia-se que esses edifícios possuíam o uso misto: uso comercial no térreo e residencial a partir do primeiro ou quarto pavimentos pra cima. Analisando as plantas dos novos apartamentos, nota-se a presença da circulação horizontal em forma de galeria permitindo acesso aos apartamentos com duas entradas distintas: social e de serviço. A presença de vestíbulo, faz lembrar os antigos palacetes ecléticos, com a presença desse cômodo dando as boas vindas ao visitante e/ou moradores, seguidos de salas de estar e jantar no setor social, sua distribuição de 2 ou 3 quartos no setor íntimo, onde os banheiros funcionavam fora dos quartos, e o setor de serviço composto de copa/cozinha, área de serviço e quarto de serviço e banheiro. O luxo das fachadas, a modernidade, os materiais e técnicas construtivas foram bem recebidos pela elite paraense.

## REFERÊNCIAS

CHAVES, C. Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém. Vitruvius, 2008. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.094/161>>

CHAVES, C. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. Revista Risco – Usp-SP – 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44757/48387>>

CHAVES, C. Percurso da modernização: Arquitetura do “Novo Centro” na avenida Presidente Vargas em Belém. 3º seminário Ibero-Americano – Belo Horizonte, 2013.  
KOTCHETKOFF, J. Bauhaus Dessau: Interações entre o discurso e o construído. Revista ARQ.URB, nº 15 – 2016.

NUNES, M. Plano de trabalho do bolsista de iniciação científica: Edifícios modernos das décadas de 50 e 60 em Belém. Belém, 26 de fevereiro de 2019.

Blog Belém Antiga. Cine Teatro Palácio. Pagina Belém Antiga – Belém, 20 de julho de 2019. Disponível em: <[https://www.facebook.com/belemdopassado/posts/2377295382491655?\\_\\_tn\\_\\_=-R](https://www.facebook.com/belemdopassado/posts/2377295382491655?__tn__=-R)>

Jornal Folha do Norte. Importadora de Ferragens: Progresso a serviço. Jornal Folha do Norte – Belém, 12 de janeiro de 1954.

Jornal Folha do Norte. Inauguração do “Palácio do Rádio”. Jornal Folha do Norte – Belém, 15 de dezembro de 1956.

Jornal A Vanguarda. O “Palácio do Rádio”: Cerimônia da manhã de hoje. Jornal A Vanguarda – Belém, 15 de dezembro de 1956 – nº 5.505.

Jornal O Estado do Pará. Um acontecimento singular: Inauguração do Edifício Importadora. Jornal O Estado do Pará – Belém, 13 de janeiro de 1954.

Jornal A Província do Pará. Uma festa na cidade: Inauguração do Edifício Importadora. Jornal A Província do Pará – Belém, 12 de janeiro de 1954 – p.10.